

**Universidade Federal de Santa Catarina**

Portfólio de contos

Escrita Criativa

Prof.: Marcio Markendorf

Aluna: Luisa Wink

## Tipo de homem

Toda vez que se reúnem é a mesma coisa: começam falando de trabalho, depois mudam para Grey's Anatomy, passam para a vida dos outros até chegarem nos homens – às vezes os de outras e outros também. Depois de muita autoafirmação da solteirice e de declarações de que nunca estiveram tão livres quanto agora, o que domina a conversa é aquele carinha novo do trabalho, o vizinho tímido pra quem ela tá louca pra dar, o menino do ônibus, o ex, o outro ex, o peguete gringo ou a falta de um. Putaria também não falta. De surra de bunda a beijo grego, cada uma fala sobre suas peripécias sexuais sem nenhum pudor. Às vezes, o namorado de uma entra de leve na conversa, mas algumas não dão importância para as histórias chatas dela que namora há 5 anos.

- Eu tô numa fase que só pego negão. Once you go black you never go back.

- Ah, eu já cansei de ficar por ficar. Só fico com alguém se realmente rola uma conexão.

- Nossa, você tá desperdiçando sua juventude. Tem que aproveitar a fase, gurria. Depois casa e vai sentir falta.

- Tô pegando um gordinho que é muito fodedor.

- Ontem minha amiga me convidou pra fazer um ménage com ela e o namorado. Acho que vou topiar.

- Eu tô procurando alguém que seja homem de verdade. Não quero mais saber de pegar guri que não quer nada da vida e que não tem nem dinheiro pra pagar o motel porque mora com os pais.

- Meu tipo é mais roots mesmo. Prefiro caras de boa, que não se preocupem só em trabalhar. Tem que saber curtir a vida e ter sempre um baseado.

- O meu tipo é aquele que responde, diz ela.

Silêncio.

Um “Oi?” em coro segue várias cara de surpresa.

- Como assim?

- É, que responde. Cansei de cara que não responde. Todo cara que eu conheço não responde. Ou responde no início, mas depois para. Por que todo mundo tem medo de falar?

- Mas sobre o que tu quer falar, gurria?

- Ah, só queria conversar, sabe? Que fosse algo além do sexo. Ou até falar sobre sexo, funciona também. Me basta. Mas parece que depois que eu dou, todos tomam chá de sumiço ou se tornam monossilábicos. Até quando esses homens vão ser assim? Tem até nome pra isso. Tão chamando de *ghosting*.

E o papo que estava leve e divertido tomou uma outra dimensão depois dessa confissão tão sincera, cheia de sentimento e um toque de rancor incomum a essa mina que sempre pareceu ser tão livre e bem resolvida.

- É, cansei dessa falta de início-meio-fim. Eu dou pra quem eu quiser e quando tenho vontade sim, e vou continuar dando. Mas enche o saco quando o ciclo não se fecha, parece que tudo fica em stand by. Cada cara que eu conheço é tipo uma história com introdução e desenvolvimento, mas acaba com uma corrida de taxi até a minha casa e nem mesmo um café da manhã rola. É foda, ein. Literalmente, e só isso. Nada tem nem conclusão, nem parte II. Tudo é líquido, como diz o Bauman.

E aí o clima pesou mais.

- Calma amiga, um dia você vai conhecer um cara que te valorize.

- Eu não quero um cara que me valorize, só quero um cara que responda. Mas enfim. Me conta mais desse ménage.

E o papo aos poucos foi, de uma forma estranha, voltando ao clima de antes. Voltaram a falar daquele do menino gostoso da seleção do vôlei, das diferenças entre paus e do marido dos sonhos.

E no fim da noite, chegando em casa, trôpega, meio zonza e depois de muito álcool, ela encontra o vizinho no elevador. Não conseguia saber se ele só parecia tão bêbado quanto eu ou se estava mesmo. Só sei que aquela noite ele não foi nada tímido e até surpreendeu com putarias que nem minhas amigas pervertidas conheciam.

No dia seguinte, a campainha tocou. E ela não respondeu.

## Os olhos de duas cores

Ele viu aquele sujeito de camisa cinza pela primeira vez na terça-feira. Ou talvez tenha sido na segunda? Não tinha certeza. Mas tinha a impressão de que já tinha visto aqueles olhos de duas cores diferentes em mais de um lugar, apesar de não conseguir ligar os pontos.

Marcos tinha folga do trabalho toda quarta-feira, dia de edição, montagem de cenário e reunião de roteiro. Ninguém precisava dele no set nesse dia.

É por isso que as crianças também tinham folga da creche para curtir o dia de *home school* e ocasionais passeios no parque da cidade. Naquele dia, enquanto as olhava no parquinho, viu de relance aqueles mesmos olhos heterocrômicos do outro lado do caixa de areia. “Que diabos...”.

Seus tempos de ter fãs e de ser alvo de paparazzi tinham ficado para trás. Mas agora que a novela começava a fazer sucesso parece que seus dias de paz estavam contados de novo. Ainda que estivesse gostando de atuar de novo, não queria voltar aos holofotes. O desconforto de abordado onde quer que fosse o importunava demais e o deixava levemente paranoico.

Depois de horas brincando no parquinho, as crianças estavam tão exaustas e famintas que só queriam ir pra casa. Coisa mais bonitinha ficavam quando estavam todas suadas e com os olhinhos caídos. Todas as quatro – duas dele, duas do vizinho – brincavam até não sobrar energia para nada. Seu momento preferido era chegar em casa e colocá-las para dormir.

No caminho para casa, lá estava ele de novo. O cara de olhos de duas cores, sentado num café na esquina fumando um cigarro, tentando parecer normal. Para evitar contato, naquele dia tomaram uma rota diferente até em casa.

Na quinta-feira, saindo de casa, o cara dos olhos de duas cores estava lá de novo, caminhando do outro lado da rua casualmente. Na sexta, cruzou por ele no banco, no lado contrário da porta giratória.

No fim de semana, de novo, num restaurante no centro da cidade, de relance do outro lado do salão. “Aquele cara está me seguindo”, disse para a *esposa*. “Não começa com suas paranoias de novo, ninguém está seguindo você”.

Tudo que um paranoico precisa para desenvolver uma paranoia é que o contradigam. Sabia que sim. Perguntava-se o que queria. Se fosse um autógrafo, já teria sido pedido e concedido. Não podia ser. “Será que é mesmo o mesmo cara? Vai ver eles são só parecidos.” Sugeriu ela. Marcos começou a ficar com medo.

Na segunda-feira, mandou instalar câmeras de segurança no lado de fora da casa. Precaução nunca é demais. Agora podia acompanhar de perto seu *stalker* e talvez até teria motivos para dar queixas na polícia. Viu pelo novo sistema de segurança as crianças brincando no jardim, tão inocentes e alheias a tudo.

Na terça, o viu na saída do trabalho, de dentro do carro. Já tinha decorado cada traço do seu rosto. Decidiu que no dia seguinte quebraria a rotina e não levaria as crianças ao parque. Melhor ficar em casa e evitar problemas.

Na quarta-feira, como de costume, as crianças estavam de novo sob seu cuidado. Pelo sistema de segurança que monitorava a entrada da casa viu o homem tentando abrir o portão do pátio.

Coberto de medo, se convenceu de que era hora chamar a polícia. Discou 190 e passou o telefone para o filho mais velho: “Conte tudo pra polícia, vou trancar todas as portas”.

Em menos de cinco minutos, quatro viaturas faziam um alarde em frente à casa. Marcos só se deu conta de que o homem era um agente da polícia quando viu todos os homens o ajudarem a abrir o portão.

Seu filho, obediente, fez o que o pai pediu e contou mesmo *tudo* à polícia. Marcos não contestou as acusações de pedofilia. Agora, outras razões o trouxeram de volta à fama. E dessa vez, ninguém se esquecerá de quem ele era.

## Descaramento

A viagem não tinha sido como queria já que sua querida velha câmera profissional caiu do tripé e quebrou assim que encontrou o chão. Saiu no *preju*, não receberia pelo trabalho tampouco poderia bancar o conserto do equipamento. Depois disso, só queria voltar para casa em paz, entregar a sua mãe a imagem do Jesus Malverde que ela pediu, sem ter que sentar no lado de ninguém nas 12 horas de viagem de ônibus, como quer toda mulher que viaja sozinha pelas estradas da Bahia – e de qualquer lugar.

Mas nem sempre se tem essa sorte. Gabriela subiu no ônibus e se direcionou ao seu acento de janela, tendo que deslizar desengonçadamente por cima de um sujeito de estatura mediana, que parecia ter uns 50 anos e estar há alguns dias sem banho.

Que delícia de viagem a aguardava. Pela milésima vez viajava sozinha do interior à capital. Já tinha passado por alguns perrengues e esse era só mais um. Com seus fones de ouvido, seus restos de equipamentos fotográficos em lugares seguros perto de si e a carteira escondida na “doleira” por baixo da blusa tudo ficaria bem.

“De donde vienes?” perguntou o sujeito ao seu lado em portunhol. “Daqui mesmo, do Brasil”, respondeu de uma forma que para ela parecia muito seca e sucinta, mas que para ele provavelmente soou muito convidativa. Desatou a falar sobre sua história. Vai ver só queria alguém com quem conversar. Devia ser solitário.

O homem se chamava José, era peruano, tinha três filhos e vinha desde o seu país de ônibus para a formatura do mais velho. Contava que o menino havia vindo para o Brasil para estudar Medicina e que finalmente estava terminando o curso lá em Itambé. O orgulho da família! Gostava de fotografia também. Tinha uma boa câmera que usou para tirar várias fotos da viagem até agora.

“Que legal, parabéns”, comentou a moça com educação. Só queria dormir para o tempo passar mais rápido. O homem continuou falando, contou que este era o terceiro ônibus da viagem e não poupou “elogios” às mulheres que viu pelo caminho. “Muy lindas, muy lindas.” Mostrou mais fotos e Gabriela alertada notou que a paisagem delas era humana e feminina. De repente, uma escorregada de mão pela perna da moça a assustou. “Desculpa, o ônibus balança muito” disse o homem. Gabriela pediu licença para ir ao banheiro e, ao levantar, sentiu uma roçada de mão no seu traseiro. “Desculpa de nuevo, foi sem querer”.

Voltou. Por mais que agora estivesse cautelosa, o cansaço falava mais alto. Dormiram. Escorada na janela, acordou horas depois com o homem dormindo por cima dela com a mão na sua na sua coxa, quase na virilha. Horrorizada, a moça empurrou o homem que continuou dormindo. Estava inconformada com o abuso do peruano. Enquanto o sol nascia no horizonte, o ônibus desacelerava. Gabriela raivosa sacudiu o homem até que acordasse. “Chegamos em Itambé!”. “Muchas gracias, chica, obrigada. Tchau!”.

Desembarcou e Gabriela seguiu viagem. O ônibus rumava agora à Itambé, onde não havia nenhuma faculdade de Medicina. Agora, Gabriela tinha os dois bancos para si. Acomodou a imagem do santo no lugar onde sentava o homem e fotografou a cena com sua câmera que, milagrosamente, voltara a funcionar perfeitamente.

## A transformação do dragão

Era uma vez uma moça negra chamada Bruna que vivia em uma casa no topo de uma montanha, com cinco amigas e um dragão de komodo chamado Barriga. O dragão era o xodó de Bruna, que fazia o que fosse preciso para vê-lo feliz e jamais negava um de seus pedidos.

Bruna já havia atendido aos mais estranhos pedidos de barriga na tentativa de sempre vê-lo feliz. É por isso que tinham um jacaré de estimação, um coala e tubarão em casa. Mas havia um pedido que Bruna ainda não conseguira realizar: Barriga sonhava em se transformar em cachorro.

Um dia, em um dos seus momentos de meditação nos quais buscava paz interior, clarividência e uma vida iluminada, Bruna recebeu a visita mental de uma aranha que usava braceletes em cada uma de suas pernas. Sem se assustar com o aracnídeo peludo, aterrorizante e vaidoso, Bruna dialogou com tranquilidade, afinal, o efeito calmante da meditação já podia ser sentido.

A aranha explicou a Bruna que havia um caminho que levaria a realização do seu grande objetivo de fazer o ser mais importante de sua vida feliz. Curiosa e determinada a garantir a felicidade de Barriga, a moça indagou sobre a rota e a aranha informou que, se ela quisesse mesmo saber, bastava enfrentar seus grandes medos e seguir seu coração.

- “é na treva que você encontra a luz”, disse a aranha antes de sumir.

Ao abrir os olhos e voltar à realidade, Bruna pegou Barriga e os dois saíram morro abaixo, em busca da treva que traria a luz. Ao chegar no pé do morro, não sabiam para que lado partir. Afinal, se a treva era o caminho, era preciso reconhecer seus medos.

O grande medo de Bruna sempre foram pombas, desde que, quando criança, fora atacada por pombas brancas que a desviaram de seu caminho e fizeram com que se perdesse dos pais e nunca mais os encontrasse. Hoje, não deixaria que elas impedissem a realização do seu objetivo.

Os dois partiram em direção ao Vale das Pombas da Morte, pelo qual deveriam passar. Bruna sentia no seu íntimo que, se atravessasse o vale, conseguiria seguir em busca da transformação que buscava para seu pet. E assim o fizeram.

Chegaram no vale e o mero avistar das pombas foi o bastante para que seus medos mais profundos despertassem. Barriga também sentia como se toda a vida e positividade tivesse sido varrida de dentro dele. Mas os dois tinham um ao outro e, de mãos dadas, correram e correram sem parar até o fim do vale. No meio do caminho, tentativas de ataques das pombas, rajadas de excrementos e penas que distorciam a visão quase impediram que chegassem ao fim. Mas chegaram, e viveram.

Depois de sair do vale, mais uma vez, ficaram perdidos. Bruna tentou meditar mais uma vez na esperança de encontrar a aranha. Barriga esperou pacientemente ao seu lado, enquanto sua dona conversava com a aranha.

Assim que entrou em transe, a aranha reapareceu para Bruna com seus braceletes, parabenizando-a pela bravura e pela fibra moral que a faz capaz de colocar os sonhos dos outros acima de seus medos. Como recompensa, a aranha informou que, o próximo passo era chegar até o sopé da montanha vermelha, onde haveria uma fonte de bebida mágica que lhe daria asas para voar até o topo da montanha.

No topo da montanha vivia um peixe de alma antiga, em um aquário que já o acompanhava a várias reencarnações. O peixe era capaz de mostrar para a moça e para o dragão o caminho para a transformação.

Assim, os dois prosseguiram em direção ao sopé da montanha, onde beberam a aguardente mágica que os levou até o topo. Ao alcançarem o cume, viram, em meio à terra desolada, gasta e seca, um grande aquário isolado no qual vivia um pequeno peixe de listras amarelas e azuis.

Bruna apresentou-se ao peixe, e informou o objetivo de sua visita. Explicou a ele que o objetivo de seu amigo sempre fora ser um cachorro, e que ele era o único que podia ajudá-los. O peixe afirmou que sim, poderia ajudá-los.

- “Mas uma vez que você se tornar cachorro, nunca mais poderá voltar a ser dragão. Pense bem em suas escolhas e o que motivou elas. Por que você quer se transformar em algo que não é?”

Barriga ficou pensativo. Nunca havia admitido para Bruna nem para si mesmo que seu desejo de transformação era motivado pelo fato de que não conseguia se aceitar como era de verdade. Achava que se amaria mais caso fosse cachorro, que seria mais confiante e mais feliz se pudesse viver na pele de outro ser.

Mas o peixe, com sua sabedoria antiga, munido de conhecimentos sobre o ser e o não-ser adquiridos com a deusa da Verdade, ajudou Barriga a entender que hoje era um ser inteiro, em toda sua plenitude. Transformar-se em cachorro seria separado de sua essência. E um ser para ser completo, precisa ser também indivisível.

Impressionado com a sabedoria do peixe, Barriga se convenceu de que, mais do que transformar-se em algo que não era, deveria aprender a aceitar a si mesmo na sua forma de dragão. Agradecido, realizado e pleno, Barriga partiu com Bruna de volta a casa, onde foram felizes, autênticos e amaram a si mesmos e foram felizes para sempre.

## Nascimento

É mais um dia normal. Fi está em casa, dormindo no quentinho, nos 36°C do seu entorno, ouvindo confortavelmente os sons da ópera que sua mãe insiste em tocar por acreditar que vai ajudar no seu desenvolvimento cognitivo. Fi nem sabe o que significa “cognitivo” ou qualquer coisa além do que sua mãe lhe conta. E a mãe, sempre que conversa com ele, fala que ele vai entender tudo quando for a hora.

Do lado de fora venta. É uma noite fria, que parece trazer um temporal que não tem certeza de que quer chegar. Não há nada além da existência confusa de um mundo aparentemente sem sentido e absurdo, que costuma ter data certa para aparecer.

Fi acorda, vê alguns clarões e alguns pontos de luz e tenta entender o que está acontecendo. Mas se ser criança traz alguma vantagem é a de poder ignorar toda a lógica do mundo a sua volta e continuar a sonhar, bocejar, dormir, acordar, comer e crescer.

Do lado de fora começa a chover. Um monstro sem nome e sem forma irradia uma luz forte que se alterna com a total escuridão em um rito diário. Todos que o veem pela primeira vez experimentam algum tipo de dor – seja ela física ou psicológica – e, com o tempo, se acostumam com sua presença incômoda que, com sorte (ou não), é demorada.

Fi ouve a voz rouca falando com um tom assustado. Não era o mesmo tom das histórias de animais ou dos contos de fada que ouvia. Não reconhecia aquele som. A mãe também já não tinha serenidade na voz. Sua respiração estava ofegante e podia sentir que ela ficava tensa. Uma terceira voz estranha agora falava com firmeza e convicção, mas Fi não consegue entender o que diz.

O monstro é do tipo que se aproxima sem convite, camuflado. Ele é mutável, consegue se torcer e distorcer em diferentes formas. Mesmo quando configurado em tamanhos e aparências diferentes, sempre atua da mesma maneira.

Fi abre os olhos e não enxerga nada. De repente, tudo está escuro de novo e ele, ainda sonolento, começa a se sentir desconfortável na própria cama, com uma vontade urgente de sair e ver por si só o que deixa sua mãe tão nervosa e tensa. E de quem era aquela segunda voz?

A chegada do monstro se aproxima a passos lentos e, no mesmo ritmo, pequenos incômodos se transformam em dores agudas e pontadas potentes. A mãe de Fi grita. Berra como se estivessem lhe arrancando um membro. Era quase isso. A escuridão se desfaz aos poucos e o monstro irradia uma luz que cega. Os gritos continuam e se alternam com choros da mãe e do pai. Algo o agarra pelas pernas e o segura de cabeça para baixo. Fi também chora. Os olhos agora acostumados com a luz o fazem perceber que ele não sabe onde está.

O frio permanece. Não há mais o aconchego da sua cama ou a luz indireta do seu quarto. O monstro o toma de sua mãe. Agora está sozinho e só o que lhe resta é o monstro e a luta diária que segue depois da primeira perda universal pela qual qualquer um passa. Fi não tem mais a ligação com a mãe. Sorrateiro, o monstro muda a realidade de Fi e o faz entender que agora, ele está sozinho.

O monstro munido de uma foice leva sua mãe embora e Fi agora está por conta própria. Não há calor, não há amor. Só o que o monstro lhe deixou foi o a duração de toda a sua vida para, por conta própria, existir.



## Bela desconfiança

Foram mais de dois meses chovendo sem parar. Vários pontos da cidade estavam alagados. As casas estavam com manchas verdes e pretas de mofo. Ninguém saiu de casa nesses 60 dias de chuva torrencial interminável. O chão de shoppings e espaços públicos estava sujo de uma mistura espessa de barro, esgoto e poeira. As poucas pessoas que tentavam enfrentar a chuva estavam carrancudas, cobertas dos pés a cabeça de roupas de plástico ou lona para tentar evitar a água, com cara de quem quer que tudo se exploda.

Choveu tanto que até mesmo os trens que ligavam a cidade aos subúrbios sofreram uma pane. Não tinha como consertar em meio a toda aquela água. O risco era muito grande para os reparadores. Só restava esperar pelo sol. Muita coisa parou de funcionar junto com os trens. Lojas fecharam porque não tinha quem trabalhasse. Bares fecharam porque não havia quem fornecesse bebidas. Alguns bancos não abriram porque a água alagou as agências.

Pedro ficou isolado na cidade. Carla, no subúrbio. Teriam que esperar o sol aparecer de novo para se reencontrarem. E ele apareceu. O primeiro dia de sol foi quando todos saíram às ruas de cara renovada, mas com receio de que a chuva voltasse. Sorrisos contidos.

Pedro e Carla marcaram de se encontrar no bar a poucas quadras da casa dele. Beberam, conversaram, se divertiram. Passaram a noite juntos. Ela era uma bela mulher de cabelos ruivos. Tinha 10 anos a menos do que ele e nunca dizia não para a vida. Aceitava qualquer proposta que lhe fizessem. Tinha muitos amigos e Pedro só tinha a si mesmo. Desconfiava de tudo e de todos. Não entendia o que alguém tão bom quanto ela podia querer com ele. Fazia seis meses que saíam.

Ele, desempregado, deixava que ela pagasse a conta do bar. Era ela também quem escolhia o que iriam beber ou onde iam. Falava muito. Discutia sobre arte, filosofia e entendia de assuntos que para ele era um mistério. Trazia justificativas para coisas que acontecem no mundo – as quais ele só atribuía ao desejo do universo. Quando se encontraram dessa vez, ela falou durante meia hora sobre as causas das chuvas tão fortes e intensas que tomaram conta dos últimos meses. Ele aceitava e não conseguia evitar refletir o porquê de ela gostar dele e aceitar sua companhia.

No dia seguinte ao seu encontro, ela dormia em sua cama. Ele a observa profundamente adormecida. O cheiro de álcool exala do seu corpo suado e ele abre a janela e deixa o sol entrar pela primeira vez em muito tempo no quarto escuro. Veste-se com as roupas de procurar emprego: sapatos marrons, camisa azul e calça social. Levanta-se, beija a mulher que permanece dormindo e sai da própria casa. Convicto de que há algo muito errado com o fato de que alguém tão incrível gostar dele, nunca mais volta.

## ROTEIRO FINAL

### SAÍDA DISCRETA DO DIÁLOGO

#### **CENA 1. INT. CASA DA FAMÍLIA GOMES - SALA - NOITE**

A família sentada no mesmo sofá assiste ao noticiário na TV como de costume. Roberto é o pai das duas meninas, jornalista, possui seus 50 e poucos anos, cabelo quase todo grisalho, barba feita, ainda veste as roupas do dia de trabalho - calça social preta, camisa social azul e uma gravata roxa agora afrouxada.

Maria, 26, é a filha mais velha, cabelos longos, um dread discreto no meio da cabeleira naturalmente ruiva, sardas, veste uma saia longa e uma blusa de linho bege bem larga, sem nenhuma maquiagem.

Paula, 21, é muito parecida com a irmã no modo de se vestir e agir. Cabelos castanhos claro em cachos bagunçados, olhos verdes, colares de sementes adornando o pescoço e a pele queimada do sol.

ROBERTO

Muda de canal, prefiro ver o jornal lá na TV U.

MARIA

Ai, pai, mas lá tem aquele cara, o Betelli, que só fala de bobagem. Aqui pelo menos os apresentadores e comentaristas têm umas ideias mais esclarecidas.

ROBERTO

Esse FFFF não sabe do que ta falando, é um revolucionário metido. Já entrevistei ele uma vez pra uma matéria no jornal. Ele falou tanto absurdo que não deu pra publicar quase nada.

MARIA

Como você pode dizer isso de um cara com doutorado pela Sorbonne? Ele é um dos que mais entende de ciência política

no país e sempre defende os direitos da minoria para os  
quais ninguém liga. Gosto dele.

PAULA

Eu também acho ele bem coerente.

ROBERTO

Ter diploma em universidade chique não quer dizer que ele  
ta isento de falar besteira. Cansei de ver discurso dele  
defendendo intervenção governamental em qualquer coisa,  
querendo colocar a responsabilidade por tudo que acontece  
na vida das pessoas na mão do governo.

PAULA

Tudo bem você ter sua opinião, pai. E o seu jornal também.  
Mas isso não quer dizer que não deve respeitar e ouvir a  
dele, ou a nossa. Além do mais, também acho que o estado  
que é encarregado de nos dar direitos básicos.

ROBERTO

Ah, não quero saber, troca de canal aí, deu desse cara.

Maria troca de canal de cara amarrada, chateada pelo  
comentário do pai. Na televisão, um apresentador, homem  
branco de meia idade, vestindo terno cinza, agora fala  
sobre um projeto do governo de acabar com o seguro  
desemprego. O apresentador está no meio da fala e Paula  
interrompe

PAULA

Por que esse problema no som?

MARIA

Que problema no som, Paula? Tá normal.

PAULA

Não, tá travando, cortando algumas palavras.

ROBERTO

Ué, menina, tá louca? O áudio tá perfeito.

Silêncio.

PAULA

Deve ser cansaço. Vou dormir.

Levanta e sai da sala em direção ao quarto.

**CENA 2 - INT. COZINHA. MANHÃ**

Paula entra na cozinha e encontra o pai sentado à mesa ao lado da irmã, lendo o jornal e tomando café da manhã. Dá bom dia e senta para tomar café com a família.

MARIA

Está melhor?

PAULA

Tô sim, não devia de ser nada.

ROBERTO (largando o jornal na mesa)

Fica de olho, não dá pra brincar com a saúde, filha. Lembra que você tem plano, se precisar vai no médico.

PAULA concorda e olha de relance a capa do jornal onde se vê em destaque a manchete "Ações contestam sistemas de cotas". Abre na página da notícia principal e percebe que grande parte do texto aparece borrado, ilegível.

PAULA

Olha só esse jornal, veio com problema. Tinha que ligar lá e pedir um outro.

ROBERTO

Que problema, filha?

PAULA

Essas letras tão todas borradas nessa matéria, nem dá pra ler. Olha aqui...

(mostra o jornal para a irmã)

MARIA

Mana, tá escrito normal ali... aqui ó... "sistema de cotas constitui ofensa arbitrária ao princípio da igualdade...".

Matéria do pai, ainda. Será que você tá precisando de óculos?

PAULA

Não, gente, essa matéria aqui sobre o ciclone no México tá normal, essa aqui, a sua, sobre as cotas tá borrada. Por quê?

ROBERTO

Filha, você tá vendo coisa que não é. Tá tudo bem contigo mesmo?

PAULA

(Pausa)

Tá, esquece... vou dormir mais um pouco.

Sai da cozinha.

### **CENA 3 - INT. SALA. TARDE**

Maria entra na sala e encontra Paula no sofá.

MARIA

Tá tudo bem, mana? Tá melhor?

PAULA

Não sei o que é pior, Y. O que tá acontecendo comigo ou o pai assinando uma matéria daquele tipo. Eu nem precisei ler a matéria inteira pra saber do que se trata. Como pode ser tão cego?

MARIA

É, mana, mas você sabe que não dá pra discutir. A gente pensa muito diferente dele. Ele teve oportunidades e não vê

que não é assim pra todo mundo. Aquele papinho de meritocracia. Mas você lembra da última vez que tentamos argumentar com ele, né? Eu não quero ficar mais uma semana com aquele climão em casa. Então pega leve, ta?

PAULA

É, não vale o estresse. Vou ficar na minha. E se essa coisa estranha acontecer comigo de novo eu vou num médico mesmo.

#### **CENA 4 - INT. SUPERMERCADO. TARDE**

As duas irmãs estão na fila do supermercado quando ouvem uma conversa de um casal atrás delas.

Homem:

O atual governo quer acabar com o bolsa família, e tá mais que certo.

Mulher:

Verdade. Esse bolsa filho que ficam dando por aí só aumenta os gastos públicos e faz com que tenha cada vez mais criança pobre na rua.

Maria, que está virada de frente para a mulher, não consegue ouvir o que ela diz. Vê sua boca se mexer e nenhum som sair. Comenta o caso com a irmã:

MARIA

PAULA, o que foi que ela falou?

PAULA

Não dá bola, ela é só mais uma que acha que o bolsa família deixa o povo na inércia. Coxinha...

MARIA

Eu não consegui ouvir nada. Vi a boca dela se mexendo e nenhum som sair.

PAULA

Como assim, mana?

MARIA

É, quase como se tivesse ligado o mudo na TV. Isso não pode ser normal.

PAULA

Sim! Foi o que aconteceu comigo ontem. Tô começando a ficar com medo.

As duas com cara de espanto ficam em silêncio, apreensivas. Pagam e vão embora.

**CENA 5 - INT. CASA - SALA - NOITE**

As irmãs sentadas no sofá assistem a um documentário sobre a legalização da maconha.

A cena é vista da perspectiva de Paula.

ROBERTO

Por que vocês assistem isso? Não percebem que ... fazendo lavagem ... al. Vocês ficam apoiando ... (...) caminho pra drogas. ... aumento... mortes(...)criminalização.

Paula apavorada percebe que está parando de ouvir o pai.

A cena se inverte e passa a ser vista da perspectiva de Roberto.

MARIA

Pai, você faz questão de ignorar os números. Não vê que ... Uruguai... diminuição .... violência ... (...) os argumentos são inegáveis. ... lucros para o governo ... impostos.

O homem fica em choque e não fala nada. Olha para a filha e ouve apenas algumas palavras que saem cada vez menos inteligíveis. Olha para a TV e percebe que o som desta também falha. Mas ainda é possível ouvir os carros da rua e o som do relógio de parede com clareza.

Maria e Roberto se olham assustados e não falam mais nada.

Paula acha que ganhou a discussão e muda de canal.

Uma repórter do canal liberal entrevista na rua um homem:

Repórter

(...) Ontem entrevistamos o deputado Chico Garcia para ouvir sua opinião a respeito da proposta favorável ao aborto que corre no congresso. Para ouvir uma posição divergente, hoje conversamos com o pastor Silvio Paludo que se posiciona ativamente contra a proposta. Pastor, como o senhor justifica sua posição?

Pastor

Não existe direito que se sobreponha ao direito à vida. A PEC da vida...

Mudo. O homem para de falar e a repórter fica visivelmente confusa e perturbada. A transmissão é cortada e volta para a âncora.

Âncora

Parece que tivemos um problema com a transmissão, voltaremos em alguns minutos com mais notícias.

## **CENA 6 - INT. CASA - COZINHA - MANHÃ**

A cena se passa a partir da perspectiva de Paula.

Paula entra na cozinha e começa a colocar a mesa do café. Logo, Maria se junta a ela. Elas trocam "bom dias". O pai entra.

PAULA

Bom dia, Pai. Quer café?

Paula observa o pai que o pai está falando mas não sai som algum.

PAULA, se dirigindo à Maria, assustada:

Você tá ouvindo ele?

MARIA

Não.

Paula bota a mesa. Os três se sentam e tomam café. Ninguém conversa.

FIM

### Considerações finais:

Registro de um e-mail escrito no dia 15/12, porém, nunca enviado:

*“Bom dia, professor*

*Estou te escrevendo este e-mail com muito pesar e frustração para comunicar que eu não vou entregar o trabalho final. Essa coisa de escrita criativa não é pra mim, sinto que todos os meus textos estão uma merda muito ruins e prefiro não entregar nada a colocar meu nome em algo de baixa qualidade. No início do semestre achei que daria conta, mas eu estava errada. Acho que não volto a me aventurar pelo mundo da ficção e vou me restringir ao papel de mera consumidora de conteúdo ficcional.*

*Ainda assim, acho importante dizer que acho que aprendi bastante durante esse semestre e que suas aulas, apesar de um desafio pra mim, sempre me trouxeram insights valiosos não só sobre técnicas de escrita criativa, mas sobre a vida. Espero que seus futuros alunos saibam aproveitar essa oportunidade de aprendizado melhor do que eu.*

*Feliz natal, feliz 2017 e até mais.*

*Abraço,*

*Luisa”*

No fim, fui convencida a entregar o que já tinha, não com menos frustração. Espero que seja pelo menos o suficiente para conseguir uma aprovação na disciplina mesmo que sem grandes êxitos.